

**INICIAÇÃO CIENTÍFICA E INCURSÃO NA ESCOLA: pesquisa com crianças e professoras*****SCIENTIFIC INITIATION AND INCURSION INTO SCHOOL: research with children and teachers***

Andrea Abreu Astigarraga<sup>1</sup> - UVA   
Maria Vanderlane Silva<sup>2</sup> - UVA   
Naira Paiva Farias<sup>3</sup> - UVA 

**RESUMO**

Este artigo teve como objetivo relatar as experiências obtidas na iniciação científica na fase de incursão na escola. A metodologia foi de abordagem qualitativo-descritiva, através da observação participante, descrição e análise de imagens, entre 2022.2 e 2023.1, na Escola CAIC, no município de Sobral/CE. Aportes teóricos de Ludke e André (1986), Pinho (2017), entre outros. A principal conclusão foi destacar a importância de conhecer o local onde será realizada a pesquisa e os sujeitos pesquisados antes de começar a coleta de dados. Esse primeiro encontro de acolhimento e escuta é muito relevante para a escola e para as profissionais que puderam ser ouvidas e para nós da universidade. Nesse processo, as bolsistas/pesquisadoras de iniciação científica, são capazes de realizar um diálogo consigo mesmas, de se reconstruir e buscar obter respostas sobre a sua formação pessoal, acadêmica e profissional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Iniciação científica; Incursão; Escola.

**ABSTRACT**

This article aimed to report the experiences obtained in scientific initiation during the school incursion phase. The methodology used a qualitative-descriptive approach, through participant observation, description, and analysis of images, between 2022.2 and 2023.1, at the CAIC School, in the municipality of Sobral/CE. Theoretical contributions by Ludke and André (1986), Pinho (2017), among others. The main conclusion was to highlight the importance of knowing the place where the research will be carried out and the researched subjects before starting the data collection. This first welcoming and listening meeting is very relevant for the school and for the professionals who could be heard and for us at the university. In this process, scientific initiation scholarship holders/researchers can carry out a dialogue with themselves, rebuild themselves and seek answers about their personal, academic, and professional training.

**KEYWORDS:** Scientific Initiation; Incursion; School.

<sup>1</sup> Pós-Doutora em Educação. Professora Associada no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)biográficas - GEPAS - CNPq. E-mail: astigarragandrea@yahoo.com

<sup>2</sup> Graduanda de Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)Biográficas - GEPAS. Bolsista de Iniciação Científica e Tecnológica - FUNCAP, do Projeto de Narrativas (Auto)Biográficas das crianças em espaços escolares e não escolares sobre ser criança, viver a infância, escola e processo ensino-aprendizagem. E-mail: vanderlane192000@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)biográficas - GEPAS. Bolsista de Iniciação Científica do projeto de Narrativa de professores e gestores sobre infâncias e escola - CNPq. E-mail: nairapaiva08@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda as experiências vivenciadas a partir das observações desenvolvidas com bolsistas de iniciação científica dos projetos Narrativas (auto)biográficas das crianças em espaços escolares e não escolares sobre ser criança, viver a infância, escola e processo ensino-aprendizagem, Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP, e do projeto sobre Narrativa de professores e gestores sobre infâncias e escola - CNPq, no curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). O processo de inicialização da pesquisa ocorreu em setembro de 2022, cujo lócus é uma escola de ensino fundamental localizada na cidade de Sobral/CE.

Atualmente, o foco de muitas escolas está em métodos e avaliações internas e externas para alcançar melhor resultado em que não há espaço para escuta de crianças, professores e gestores, portanto, ouvir o que eles têm a dizer pode ser um procedimento significativo neste processo. Essa política de resultados que está muito presente nas escolas não proporciona ou dificulta a escuta de crianças e de professores, por isso, a nossa intenção é apresentar a fase inicial da pesquisa e relatar as experiências obtidas através da incursão que podem auxiliar-nos enquanto acadêmicas e pesquisadoras.

Portanto, o objetivo principal deste artigo é descrever e analisar o período de incursão na escola para desenvolver os projetos de iniciação científica sobre narrativas de crianças, professores e gestores, no ensino fundamental. Trazendo em contribuição o que Passeggi (2016) coloca como uma justificativa ao questionar por que se pesquisa, a autora indica que: “[...] a pesquisa é parte integrante da formação e não alheia a ela, pois a pesquisa é o que torna possível o processo de conscientização de formar-se com e pela pesquisa”. E destaca ainda que este é “o objetivo emancipatório” da relação entre ensino e pesquisa.

A iniciação científica é importante para a formação acadêmica, pois suscita um olhar de pesquisador na formação inicial. Pensando nisso, Pinho (2017, p. 662), baseando-se na normatização (RN-005/1993), cita alguns pontos sobre a importância das atividades de IC, entre eles: “[...] a aprendizagem de técnicas e métodos científicos. [...] O desenvolvimento do pensar cientificamente e da criatividade [...] despertar no bolsista uma nova mentalidade em relação à pesquisa e prepará-lo para a pós-graduação”.

Em pesquisas anteriores, que resultou no artigo intitulado: Reflexão da Iniciação científica na pesquisa com crianças na educação infantil (Santos; Astigarraga, 2022), foi possível apresentar, de forma descritiva/reflexiva, os momentos da pesquisa e o progresso das pesquisadoras de iniciação científica. As autoras citam a importância da iniciação científica para a formação do estudante, pois “[...] suscita um olhar de pesquisador, que faz compreender melhor como fazer e o que justifica o estudo científico, além das percepções que desperta sobre o projeto no qual participa.” (p. 2). O processo de ser pesquisador traz-nos ensinamentos muito importantes, pois com o decorrer das experiências, o nosso conhecimento vai progredindo. É notória a nossa evolução conforme nos engajamos com o projeto, fazendo-nos despertar nossas percepções à medida que nos envolvemos com a pesquisa.

Aqui fica evidente que o processo de ser pesquisador traz-nos ensinamentos muito importantes, pois com o decorrer das experiências o nosso conhecimento vai progredindo, é notória a nossa evolução conforme nos engajamos com o projeto, fazendo despertar nossas percepções à medida que nos envolvemos com a pesquisa.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE,

## REGISTROS ICONOGRÁFICOS E RECOLHA DE NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

Adotamos a abordagem qualitativo-descritiva do tipo observação participante sobre as atividades desenvolvidas a partir das visitas e de fotos em lócus. Na pesquisa em andamento, foi realizada nossa incursão como pesquisadoras na escola, período de observação e adaptação ao contexto desta pesquisa, no período de 2022.2 e 2023.1. Para Soares (2006), a investigação é um processo de participação social que se fundamenta num equilíbrio mutuamente possível de autonomia, cooperação e hierarquia entre as pessoas em que a tomada de decisão é partilhada com todos os envolvidos na investigação.

De acordo com Macedo (2006), o processo de observação não se consubstancia num ato mecânico de registro, apesar da especificidade da função do pesquisador que observa, ele está inserido num processo de interação e de atribuição de sentidos. A observação participante “é uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação direta e a introspecção” (Denzin, 1978 apud Ludke; André, 1986, p. 28).

A observação participante exige um planejamento sistemático que significa determinar com antecedência *o quê* e *o como* observar. A primeira tarefa é a delimitação do objeto de estudo, o foco e a configuração espaço-temporal. É importante preparar o observador, no caso, o aluno bolsista: aprender a fazer registros descritivos, saber separar os detalhes relevantes dos triviais, aprender a fazer anotações organizadas e utilizar métodos para validar suas observações, aprender a concentrar-se durante as observações. A observação direta é importante na abordagem qualitativa de pesquisa porque permite que o observador chegue mais perto da perspectiva dos sujeitos, na medida em que o observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar compreender a sua visão de mundo. Além disso, o pesquisador pode descobrir aspectos novos de um problema.

O registro das observações pode ser feito através de anotações escritas, combinação de anotações com o material transcrito de gravações, registros através de filmagens, fotografias, slides etc. Não há regras para fazer anotações. Mas, é crucial considerar quando, como e onde fazer as anotações. Quanto mais próximo do momento da observação, maior a acuidade. É importante iniciar o registro da observação indicando o dia, a hora, o local e o período de duração. Ao fazer as anotações, é útil deixar uma margem para a codificação do material ou para observações gerais. Sempre que possível, deixar distintas as informações essencialmente descritivas, as falas, as citações e as observações pessoais do pesquisador. Outro procedimento prático, é mudar de parágrafo a cada nova situação observada ou a cada nova passagem apresentada. O mais significativo da observação participante é que ela não é apenas um instrumento de captação de dados, mas também como instrumento de modificação do meio pesquisado, ou seja, de mudança social (Haguette, 1995, p. 69).

Na observação participante, incluímos o registro de imagens. Segundo Barthes (1984, p. 20) “[...] uma foto pode ser objeto de três práticas (ou de três emoções, ou de três intenções) fazer, suportar, olhar”. No qual a pessoa que opera é aquela responsável por fotografar, nós somos os espectadores que apreciamos as fotos em livros, jornais, revistas e outros meios. O alvo é aquele(a) que é fotografado(a). A emoção do fotógrafo é olhar e captar aquilo que ele sente, que o surpreende. O autor também cita que a fotografia pode capturar poses, sorrisos, corpos, mas que a sua essência, aquilo que é profundo e íntimo do seu ser não consegue ser captado. “Sou “eu” que não coincido jamais com minha imagem; pois é a imagem que é pesada, imóvel, obstinada (por isso a sociedade se apoia nela) [...] Ah, se ao menos a fotografia pudesse

me dar um corpo neutro, anatômico, um corpo que nada signifique! Infelizmente estou condenado pela fotografia" (Barthes, 1984, p. 24, grifos do autor).

A fotografia transforma o sujeito em objetos, como se pode ver em museus. Transformada em objeto a foto desperta muitas leituras, de muitos pontos de vista diferentes, há tantas leituras de uma mesma face, e essa mesma foto também fica à disposição para ser colocada onde acharem conveniente. Seria então um objeto que não é capaz de significar e dizer realmente sobre a pessoa ou coisa fotografada. Porém o autor diz que algumas fotos lhe despertavam sentimentos bons e outras lhe causavam um sentimento de repulsa e aversão. É citado sobre as fotos que lhe traziam atração e fascínio, e ainda traz algumas razões que podem fazer com que o nosso interesse por algumas fotos seja despertado, segundo Barthes (1984): “seja desejar o objeto, a paisagem, o corpo que ela representa; seja amar ou ter amado o ser que ela nos dá a reconhecer; seja espantarmo-nos com o que vemos; seja admirar ou discutir o desempenho do fotógrafo, etc.” (p. 35)

Em se tratando de sentimentos que a fotografia pode despertar, o autor discute em seu texto que queria aprofundar-se em uma foto quando ela lhe causava interesse: de ver, sentir, notar, olhar e pensar. Quando havia elementos na foto que lhe provocavam de alguma maneira, assim são inseridas no texto algumas fotografias com seus determinados contextos, uma descrição do que havia despertado a sua atenção. São fotos que continham cenas muito fortes, descritas de tal forma pelo autor, que traz cada cena percebida na foto de forma minuciosa e com muitos detalhes. O papel do fotógrafo ao capturar ou captar uma imagem é de surpreender, as fotos podem provocar surpresas, espantos, sentimentos para quem ver, como resultados do desempenho dos fotógrafos, o fato de elas gerarem ou não interesse, o que faz com que elas provoquem sentimentos e reflexões. Embaixo de cada foto incluída há uma frase que representa o seu sentimento em relação a elas, e então a descrição do lugar e ano em que foram feitos os registros.

Tendo em vista essa perspectiva, adotamos esse recurso nas nossas pesquisas, nos registros que fizemos, para ampliar o nosso olhar sobre as fotografias, descrevê-las com detalhes como fez o autor, porque sempre precisarmos captar os momentos mais significantes, objetivos e/ou simbólicos, momentos cruciais para a pesquisa.

Outro procedimento metodológico utilizado foi a pesquisa narrativa (auto)biográfica com professores e alunos/as. As narrativas apresentam-se como um procedimento metodológico privilegiado na constituição de fontes (auto)biográficas e como uma base incontornável para a reflexão sobre crianças, infâncias, educação, pedagogia e formação docente. De acordo com Delory-Momberger (2008), o principal objeto de estudo da pesquisa (auto) biográfica é o fato biográfico e o trabalho de biografização.

Essa ação político-formativa de relatar a si mesmo, foi explicada por Butler: “Quando o eu busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse si mesmo já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração; na verdade, quando o eu busca fazer um relato de si mesmo sem deixar de incluir as condições de seu próprio surgimento, deve, por necessidade, tornar-se um teórico social” (Butler, 2015, p. 18).

### **Incurção ao *locus* da pesquisa para conhecer a escola e os participantes**

A incurção na pesquisa foi um período de observação no ambiente escolar, para conhecer a rotina das crianças e dos professores, visto que é importante ter esse primeiro contato com os sujeitos pesquisados, pois somos pessoas externas. Segundo Martins Filho

(2011, p. 94), o momento de observação é importante porque: “somente assim, [...], poderá gerar um envolvimento muito maior com os sujeitos pesquisados, pois o contato direto permite construir uma atmosfera muito positiva, lúdica e humana no desenvolvimento da pesquisa com as crianças”.

Então, destacamos que para esse primeiro momento, a incursão foi importante não somente para nós, mas também para as crianças, os professores e os gestores. Através das visitas em lócus foi possível fazer registros fotográficos dos quais pudemos observar os primeiros aspectos e tecer considerações a respeito da temática abordada. Salientamos que, primeiramente, realizamos as seguintes atividades: contato com a diretora da escola via WhatsApp, envio de e-mail com os documentos da pesquisa, tais como a Carta de Anuência para Autorização de Pesquisa, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, aos Pais e Responsáveis pelas Crianças, Termo de Consentimento Informado das Crianças, professoras e gestoras.

Nosso processo de incursão na pesquisa foi iniciado em setembro de 2022, mais precisamente em 21/09 e, nossa primeira visita procedeu em um contato de conversa com as gestoras, professores e demais profissionais que atuam na instituição. Vale ressaltar que o contato inicial é indispensável para com os sujeitos, pois é necessário criar um vínculo. Nessa primeira visita, conhecemos a rotina da escola, como as atividades são desenvolvidas, também conhecemos o espaço físico. Encontramos várias pedagogas que concluíram o curso de Pedagogia na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), a maioria foi aluna da professora/orientadora e trabalham na escola, foi muito gratificante ver que o seu trabalho produz bons resultados e hoje as pessoas que passaram pela formação inicial, na licenciatura, atualmente atuam em espaços escolares como professores e gestores e demonstraram gratidão e carinho pelo aprendizado compartilhado.

Diante desse momento, pode-se perceber a importância que a educação exerce na vida das pessoas, pois um dia eles foram alunos assim como nós, percorreram a mesma jornada, escolar, de graduação, até se tornarem professores. É relevante e exerce influência sobre nós o exemplo dessas pessoas que conseguiram trilhar a jornada acadêmica e chegaram aonde estão no momento.

Ainda nesse dia, tivemos uma reunião com a diretora para explicarmos a pesquisa, saber a quantidade de alunos por turma dos anos iniciais, quais os dias de planejamento de aula e a necessidade de o grupo gestor entrar em contato com os pais e esclarecer sobre as pesquisas. É importante destacar que fomos bem recebidas e conseguimos autorização para atuar e desenvolver nossa pesquisa na escola. Na ocasião, explicamos que o nosso objetivo seria realizar observações, análises, entrevistas por meio de rodas de conversa com quem se disponibilizasse participar voluntariamente da pesquisa.

É preciso ter a consciência de que é necessário conquistar a confiança deles, para que se sintam à vontade e que realmente procurem em seu interior, as lembranças dos momentos vividos, para que consigam trazer para a narrativa, os momentos verdadeiramente significantes e que consigam responder às perguntas, assim ajudando de fato em nossa pesquisa, e para que tal confiança seja alcançada, é necessária a criação de ligações consigo mesmos e com os outros participantes (Josso, 2007). Esses laços vão ajudar no momento da pesquisa, pois o entrevistado sentir-se-á à vontade ao saber que pode confiar no pesquisador/entrevistador, favorece no trabalho também da escuta, interpretação, do diálogo em que haverá uma compreensão entre os dois:

A importância do elo nesse procedimento é explicitamente salientada pela cons

tuição de um contrato pelo qual os participantes definem os limites que pretendem estabelecer a fim de garantir uma confiança possível para facilitar a socialização de seus relatos e a reflexão comum sobre o conjunto dos relatos (Josso, 2006, p. 375).

Em outubro, fizemos um vídeo para a diretora via WhatsApp para ela enviar para o grupo de professores, considerando que é um grupo grande e que esta rede social facilitou nosso primeiro contato com eles. Também explicamos no vídeo, que a metodologia seria a roda de conversa com as crianças, professores e gestores, em que seria utilizado um boneco (extraterrestre) para ser mediador da conversa, com o objetivo de perguntar sobre o que é escola. Também explicamos sobre os documentos, os riscos e benefícios da pesquisa. Os riscos que podem ser apresentados seriam em relação à emoção que pode ser apresentada durante os relatos ou a pessoa esquecer de falar algo. Já os benefícios são muitos pois, há a vantagem de relembrar histórias de vida, de pensar na prática docente, de estabelecer uma relação e vínculo maior com a universidade.

Ao chegarmos na escola, dirigimo-nos até a direção, conversamos com a diretora sobre o cronograma das entrevistas. Ela relatou que no início do ano, possivelmente, alguns professores poderiam ser transferidos, continuarem na escola ou mudarem no ano qual ensinam, podendo haver mudanças e orientou que aguardássemos o início do ano letivo de 2023 para formarmos os grupos para as entrevistas narrativas. Logo depois, ela levou-nos para a sala dos professores onde havia um grupo realizando o planejamento mensal das aulas. Apresentamo-nos, mostramos o vídeo, algumas fotos das pesquisas anteriores feitas com crianças e professoras da educação infantil. Vários ficaram interessados em participar da pesquisa, porém, devido à incerteza, solicitaram que aguardássemos o início do ano letivo.

### **Registros iconográficos (imagens)**

No mês de novembro, fomos à escola, tivemos uma reunião com a diretora, pois combinamos com ela que iríamos conversar com os professores durante o planejamento de aula. Porém, houve um equívoco, pois eles estavam em reunião de formação, fora do espaço escolar e não em dia de planejamento interno. No entanto, ficamos na escola observando o espaço, tiramos fotos, conversamos com alguns profissionais, observamos o recreio e fizemos registros fotográficos. Tivemos acesso ao cronograma das atividades de avaliação externa que foram realizadas na escola no referido mês, que incluíam leituras, avaliações de língua portuguesa e matemática, aplicação da prova SPAECE. Durante a visita ao ambiente, passamos pelos corredores e paramos em cada sala das turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental para que os alunos pudessem ver-nos, que tivéssemos conhecimento dos professores e do ambiente, presenciamos momentos de atividades, principalmente de leitura oral dos alunos/as.

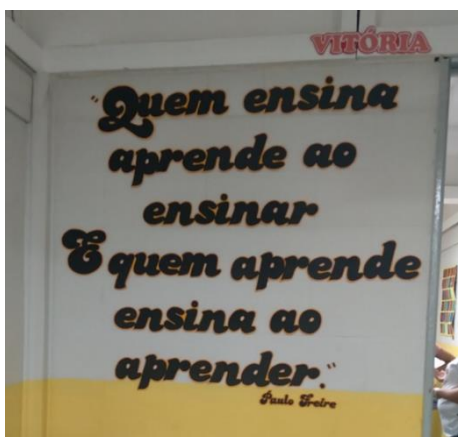
**Imagem 1** - Leitura oral da professora da escola com os alunos



**Fonte:** Acervo pessoal das pesquisadoras.

Kramer (2002, p. 52) evidência que “no caso da pesquisa com crianças, a fotografia é também um vigoroso e potente instrumento de resguardar a memória e de constituir a subjetividade, por permitir que crianças e jovens possam se ver, ver o outro e a situação em que vivem”. Ao analisar as fotografias, percebemos que têm muitos cartazes pendurados nas paredes dos corredores da escola, feitas em E.V.A. como, por exemplo, frases de Paulo Freire.

**Imagem 2** - Frase de Paulo Freire em cartaz no corredor da escola



**Fonte:** Acervo pessoal das pesquisadoras.

Percebemos também muitas frases motivacionais sobre o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará - SPAECE: Este ano eu vou brilhar! SPAECE 2022 é todo nosso.

**Imagem 3** - Cartaz no corredor da escola com frase motivacional para o SPAECE

**Fonte:** Acervo pessoal das pesquisadoras.

Também havia cartazes de alunos-destaques como campeões da leitura de textos, frases e palavras, cartaz personalizado da Copa do Mundo, com frase motivacional para os alunos do 2º ano que realizaram o SPAECE, um cartaz com as datas/cronograma da leitura oral com os alunos do 1º ano, imagem de um patinete que seria sorteado como prêmio após a realização do SPAECE, entre os alunos do 3º e 4º ano, a imagem com a frequência na avaliação externa e no SPAECE. Muitos estímulos visuais na perspectiva do reforço positivo.

**Imagem 4** - Cartaz no corredor da escola com patinete para sorteio

**Fonte:** Acervo pessoal das pesquisadoras.

Por meio dessa análise, pontuamos que a busca pelos bons resultados tem-se tornado ênfase nas escolas, em particular para os professores, visto que são os responsáveis para detectar as dificuldades na leitura, interpretação, escrita e a capacidade de resolver problemas e organizar planos pedagógicos que os levem a atingir os objetivos. Posto isso, o professor tem-se sentido pressionado porque precisa alcançar as metas e aumentar os índices de aprovação na escola e ocupando grande parte da vida profissional dos educadores.

Dando continuidade às imagens nas paredes dos corredores da escola, observamos que há desenhos, o que mostra que houve uma preocupação em relação à transformação do espaço em um ambiente lúdico e mais atrativo para as crianças. O cantinho da leitura tem uns livros nas mesas para chamar atenção dos alunos, evidenciando a presença de uma ambiência



importante nos anos iniciais.

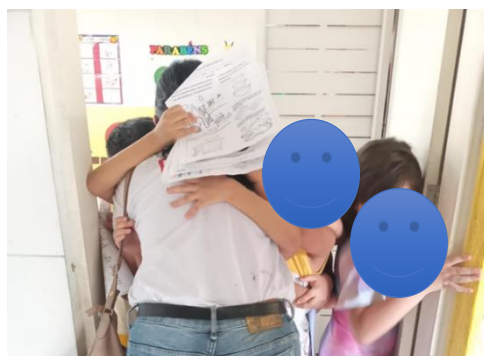
**Imagem 5** - Cantinho da leitura no corredor da escola



**Fonte:** Acervo pessoal das pesquisadoras.

Na análise de uma foto que tiramos no período de incursão na escola, aproximamo-nos de uma sala para falar com a professora e as crianças levantam-se de seus lugares, correram em direção à porta da sala e receberam-nos com abraços, sem nos conhecerem. Quando as crianças nos abraçam, isso reitera a questão da receptividade, nota-se que a pesquisadora abaixou-se para abraçar e ser abraçada, pois quando nos abaixamos ou nos colocamos na mesma altura das crianças, temos a compreensão sobre a importância desse gesto na construção de vínculos e mostrando à criança que o que ela tem a nos dizer, importa e também faz com que elas não se sintam inferiores aos adultos. Nos chamou atenção que mesmo muito pequenos, todos tinham uma folha de papel e lápis na mão, fazendo o que se chama de tarefainha.

**Imagem 6** - Crianças na sala de aula recebendo a professora-pesquisadora



**Fonte:** Acervo pessoal das pesquisadoras.

Fazer pesquisa com crianças exige de nós pesquisadoras uma postura de adulto atípico. Nesse sentido, os estudos de Santos e Macedo (2020) sobre assumir a posição de adulto atípico na pesquisa com crianças têm contribuído para repensarmos as nossas ações e atitudes diante do diálogo e da coleta de dados com as crianças. Ser adulto atípico é:

[...] abrir mão da autoridade do saber, buscar enxergar a partir do ponto de vista e interesses das crianças. E quando no papel de pesquisador colocar-se neste lugar de questionar as ditas verdades construídas e legitimadas pelo pens

amento hegemônico (branco, adulto e masculino) (Santos; Macedo, 2020, p. 251).

Portanto, tornar-se uma adulta atípica proporciona confiança à pesquisa com crianças, e com isso será permitida a entrada no universo delas, através dessa confiança, somos capazes de ter um olhar mais detalhado sobre as crianças e seus modos. Dando seguimento à descrição e à análise da fase inicial das pesquisas de iniciação científica, a professora/pesquisadora está sentada no banco da quadra esportiva da escola uma menina com fone de ouvido aproxima-se e estende a mão. A professora/pesquisadora diz “oi: qual seu nome?” A menina abraça a pesquisadora e sai correndo. O estagiário que é aluno do curso de Pedagogia chega e a professora conta o que aconteceu. Ele informa que a menina é surda e autista, por isso ela não respondeu.

**Imagem 7** - Criança abraçando a professora-pesquisadora no pátio da escola



**Fonte:** Acervo pessoal das pesquisadoras.

Há ainda que procurar, como pesquisador, ser aceito pelas crianças e pelo seu mundo, diminuindo a representação de autoridade e poder que os adultos representam às crianças, os quais são ocasionados pelas suas características físicas e pelo poder historicamente representado pela figura adulta. Cabe ao pesquisador, primeiramente, estabelecer um vínculo com os sujeitos pesquisados, a fim de, no momento da pesquisa, as crianças sentirem-se confiantes e seguras com a presença e a escuta do pesquisador (Corsaro, 2011).

Na outra foto, as crianças estão brincando na quadra esportiva na hora do recreio. Quando este termina, registramos o momento em que as crianças fazem fila indiana para voltarem à sala de aula. Observamos que a fila indiana é um método de ordem/disciplinamento ainda utilizado pela instituição.

Ter a oportunidade de conhecer o dia a dia escolar, a rotina dos professores, aprender a lidar com as crianças já se faz muito importante na etapa em que ainda estamos em formação, pois é quando realmente veremos como é desenvolvida a profissão, como lidar com os percalços e desafios e nos proporcionará desenvolver o sentimento, a identidade e a prática pela profissão de professoras. Segundo Maia (2011, p. 2):

O saber dos professores é plural e temporal, uma vez que é adquirido no contexto de uma história de vida e de uma carreira profissional, ou seja, ensinar supõe aprender a ensinar, aprender progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho docente através da experiência profissional e pessoal do professor. Importa o que ele aprende sozinho em sua atividade e o que ele aprende com seus colegas de profissão durante sua

carreira.

Nesse trecho, entendemos que aprender a ensinar é uma atividade contínua que será cada vez mais aperfeiçoada no cotidiano da profissão, com os colegas, com as histórias de vida, e com os saberes que adquiriremos durante a jornada. A autora deixa evidente que o nosso saber é adquirido de forma progressiva, na medida em que nos deparamos com as experiências cotidianas.

Na próxima foto, a professora/pesquisadora está sentada conversando com a monitora do PAIC, que está desenvolvendo uma atividade individual escolar para um menino, em uma mesa no corredor da escola, fora da sala de aula.

**Imagem 9** - Professora-pesquisadora com a monitora do PAIC no corredor da escola



**Fonte:** Acervo pessoal das pesquisadoras.

Também registramos imagens de nossas conversas com o porteiro e com as coordenadoras da escola. Nas imagens, observamos que enquanto as crianças comiam, responderam que gostam da merenda da escola, que comem bem, mas também levam merenda de casa. No recreio, levam brinquedo e brincam na quadra. Comentaram ainda que gostam de correr com os colegas.

Durante a visita, conhecemos uma coordenadora muito simpática que nos relatou sobre sua experiência profissional e, no decorrer de sua fala, ela disse que gosta bastante da área em que atua e que pensa na aposentadoria daqui a dois anos.

Ela também disse que é especializada em Educação Inclusiva, que trabalha com crianças deficientes visuais e físicos. Em sua fala, a coordenadora ressaltou que é apaixonada pelo que faz. Durante essa visita também conhecemos a professora de Libras a qual é a tutora dos alunos surdos.

### **Recolha de narrativas (auto)biográficas com professoras**

Em maio de 2023, fomos à escola iniciar o processo de pesquisa com as professoras. Realizamos uma pesquisa narrativa (auto)biográfica com seis professoras do 5º ano que estavam fazendo planejamento e que ensinam tanto no turno da manhã quanto no da tarde. De acordo com elas, os alunos da manhã têm perfil diferente dos alunos da tarde. Uma professora falou que de manhã, os pais vão deixar e buscar as crianças na escola, à tarde, as crianças são mais independentes e, na percepção de outra professora, os pais dos alunos da manhã são mais

presentes na vida escolar dos filhos. Este item chamou nossa atenção para decidirmos que as entrevistas narrativas (auto)biográficas com as crianças iniciariam com os alunos/as do 5º ano.

Em setembro de 2023, entrevistamos um grupo de cinco professoras do 2º ano, elas leram e assinaram o documento para autorizar as gravações da entrevista. Utilizamos o mesmo protocolo de pesquisa com o boneco *Alien*. Em seus relatos, disseram que a escola é um lugar de muitas experiências, de aprendizagem, de ofertar carinho e atenção, sendo um lugar de socialização para as crianças e onde elas aprendem a respeitar regras, desenvolvendo-se em muitos aspectos. Também foi um momento em que puderam relatar suas lembranças de infância na escola e em casa, lembraram das brincadeiras, dos amigos, das professoras que marcaram suas etapas de aprendizagem, um fato interessante é que elas são muito gratas e não esquecem de quem passou pelas suas vidas, ensinando-lhes coisas boas, muitas lembram de professores inesquecíveis que já tiveram. Estas entrevistas estão sendo transcritas para posterior análise e publicação.

Esse primeiro encontro de acolhimento e escuta é muito relevante para a escola e para as profissionais que puderam ser ouvidas e para nós da universidade. Para elas, foi um momento em que puderam expressar seus sentimentos, um pouco de como são suas rotinas, o que já vivenciaram durante o trabalho, até mesmo os fatos mais marcantes de suas vidas. Proporcionar esse momento para elas foi muito relevante para ambas as partes, pois elas puderam-se expressar, emocionar-se, sentir que suas histórias são importantes.

Sabemos que não é um trabalho fácil, então aquele momento em que puderam desabafar e relatar suas experiências foi primordial. Também discutimos que podemos continuar a pesquisa em momentos virtuais, para irmos conversando e dando continuidade, conforme a disponibilidade e tempo de cada uma.

Analisar o contexto educacional e as atividades ali desenvolvidas servem de inspiração e reflexão, pois, a partir disso, desenvolvem-se conhecimentos e habilidades necessários para a vida profissional. Ao desenvolver saberes a partir de atividades realizadas no cotidiano da escola, são despertadas a capacidade de investigar e é construída uma identidade necessária para a atuação como docentes.

Assim, coloca-se em evidência a percepção e reflexão dos professores, algo de extrema relevância para a pesquisa educacional. Conhecer por meio de estudos as realidades escolares, realizar observações, entrevistas, coletas de dados, problematizar e desenvolver projetos nas escolas é um grande passo para a construção de identidade (PIMENTA, 1999). A escola é um ambiente de desenvolvimento e de transformação, por isso, o trabalho dos professores e de todos os que a compõem é de extrema importância.

### Recolha de narrativas (auto)biográficas com crianças

Na pesquisa (auto) biográfica com as crianças, o uso do lúdico tem sido utilizado por pesquisadores, tais como Lani-Bayle (2018); Rocha e Passeggi (2018); Costa e Astigarraga (2021). O protocolo de pesquisa com um boneco extraterrestre é realizado em três momentos: abertura, desenvolvimento e fechamento. Na abertura, a pesquisadora apresenta às professoras o boneco *Alien*, explicando que ele vem de um planeta onde não tem escolas e solicita que falem tudo o que sabem sobre ela. No desenvolvimento da pesquisa, o diálogo é mediado através de perguntas imanentes feitas pela pesquisadora. Por fim, o fechamento é quando elas despedem-se do *Alien*, pois este retornará ao seu planeta.

Nesse momento, é estabelecido um diálogo, no qual as crianças falam de maneira espontânea sobre a escola, e a pesquisadora aproveita-se disso, privilegiando perguntas

imanescentes às crianças. E elas vão respondendo, fazendo uma ligação com suas vivências, formando ideias e compreensões de suas experiências que constituem o processo da pesquisa.

Como as crianças reagiram durante a recolha das narrativas (auto)biográficas? Durante a recolha das narrativas (auto)biográficas as crianças realmente ficaram à vontade em nossa presença, falaram de forma espontânea sobre as perguntas feitas, também não demonstraram desconforto em relação aos registros, pois durante a leitura do Termo de Consentimento Informado da Criança consta que elas aceitam que a gente faça vídeos e fotos, ou seja, tudo é explicado para que as crianças fiquem sabendo do que se trata a pesquisa e de como é realizada. Todas as crianças leram e assinaram o TCLE. Qual a implicação da pesquisa diante de uma política de resultados que está muito presente nas escolas? Diante de uma política de resultados, tendo como meta o rendimento escolar dos alunos para atingir ou manter o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB, muitas vezes, a escola torna-se um espaço de sobrecarga, conteudista, podendo negligenciar o principal fundamento da formação das crianças que é aprender de forma lúdica.

Há tempo e espaço para entrevistas? A escola é um espaço em que as crianças passam a maior parte de seu tempo, mas também é um espaço que, na maioria das vezes, não privilegia a escuta das crianças, ignora a cultura infantil, ignora que cada criança tem seu tempo de aprender. Então, proporcionar o espaço de escuta é de suma importância para uma reflexão considerando o que é necessário no processo de ensino-aprendizagem, da prática docente e o que podemos fazer em busca de uma educação mais favorável a todos. Em setembro de 2023, quando chegamos à escola para o primeiro momento da recolha das narrativas das crianças, através de rodas de conversa, utilizando o boneco extraterrestre como mediador lúdico, a coordenadora indicou 4 meninas para participar da pesquisa, duas do 4º ano e duas do 5º ano.

Ao iniciar, a professora-pesquisadora leu o TCLE com as meninas e todas assinaram. Em outro dia de pesquisa na escola, a diretora indicou mais quatro alunos, sendo, dois meninos do 4º e dois meninos do 5º ano. A professora pesquisadora também procedeu à leitura do TCLE para posterior assinatura dos alunos. A principal pergunta feita pelo boneco extraterrestre mediador foi: O que é uma escola?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a trajetória de incursão na pesquisa é imprescindível, uma vez que é necessário conhecer o local onde será realizada a pesquisa e criar um vínculo com os sujeitos pesquisados para se obter sucesso na coleta de dados, ou seja, é durante essa etapa inicial que as pesquisadoras mostrar-se-ão abertas ao diálogo com as crianças, com os professores e com os gestores sobre assuntos referentes à pesquisa.

As bolsistas de iniciação científica são instigadas a fazer a seguinte reflexão: quem eu realmente estou sendo e o que estou fazendo agora, pois tudo o que faço agora pode exercer um impacto e influenciar em quem vou-me tornar no futuro como professora. Nesse processo reflexivo, as bolsistas são capazes de realizar um diálogo consigo mesmas, de se reconstruir e de buscar obter respostas sobre a sua formação pessoal, acadêmica e profissional.

Percorrendo o locus da pesquisa durante as visitas realizadas, percebemos o quanto é complexo o trabalho em uma escola. Na iniciação científica, as visitas e observação do espaço escolar, as pessoas que conhecemos, dialogamos e entrevistamos, exerceram forte impacto em nossa formação pessoal e acadêmica. A escola é um ambiente de desenvolvimento e de transformação, por isso, o trabalho dos professores, do grupo escolar, dos funcionários e de todos que a compõem é de extrema importância. A abordagem de pesquisa (auto) biográfica

com professoras e crianças apontou a importância da escuta sensível sobre a construção de si e como pesquisa-formação que visa à transformação das relações humanas onde o sujeito torna-se ator e autor do seu processo de formação.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

COSTA, Antonio Morais da; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. As narrativas sobre ser criança: do desencanto ao encantamento em trajetória de acadêmico a pesquisador. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/6295>. Acesso em: 19 set. 2022.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DENZIN, Norman Kent. Interpretando a vida de pessoas comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner. **Dados**, v. 27, n. 1, 1984. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/13WyeJ6JRuZSn2LN5JuDCLthx3Gu3FEHD/edit>. Acesso em: 19 set. 2022.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

JOSSO, Marie Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/s6NdjwQC6LGVHJWXNb9753R/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 19 set. 2022.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41-49, jul., 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/LtTkWtfzsbJj8LcPNzFb9zd/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 9 set. 2022.

LANI-BAYLE, Martine. **A criança e sua história**: por uma clínica narrativa. Trad. Maria da Conceição Passeggi, Sandra Maia Vasconcelos. Natal: EDUFRN, 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marly. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Ed. EPU, 1986. (Coleção Temas básicos de educação e ensino).

MAIA; Sidclay Ferreira, resenha saberes docentes e formação profissional. **Atos de pesquisa em educação - PPGE/ME FURB / SSN 1809 - 0354** v. 6, n. 3, p. 823 - 830, set./dez. 2011. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/2830/1843>. Acesso em: 11 set. 2022.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa-Formação*. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.

MARTINS FILHO, Altino José. Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na Anped. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267>. Acesso em: 9 set. 2022.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

PINHO, Maria José de. Ciência e ensino: contribuições da iniciação científica na educação superior. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 22, n. 03, p. 658-675, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772017000300005>. Acesso em: 9 set. 2022.

SANTOS, Camila Alves dos; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. Reflexão da Iniciação científica na pesquisa com crianças na educação infantil. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 4, e46198, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/9168>. Acesso em: 9 ago. 2023.

VASCONCELOS, Ana Paula Martins Farias; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. Prática Docente, Experiência Formadora, Ensino Remoto em Tempos de Covid-19. Disponível em: **Ensino em Perspectiva**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5972>. Acesso em: 9 set. 2022.

| Submetido em: 26/01/2024

| Aprovado em: 21/03/2024

| Publicado em: 20/06/2024